



III SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE URBANIZAÇÃO DE FAVELAS - URBFAVELAS
Salvador - BA - Brasil

ENVELHECER COM A FAVELA: MULHERES PIONEIRAS NAS VILAS DA SERRA

Silke Kapp (UFMG) - kapp.silke@gmail.com

Arquiteta, com mestrado e doutorado em Filosofia (UFMG, 1994 e 1999). Atualmente é professora associada da Escola de Arquitetura da UFMG e líder do Grupo de Pesquisa MOM (Morar de Outras Maneiras).

Camila Matos (UFMG) - camilamatosf@gmail.com

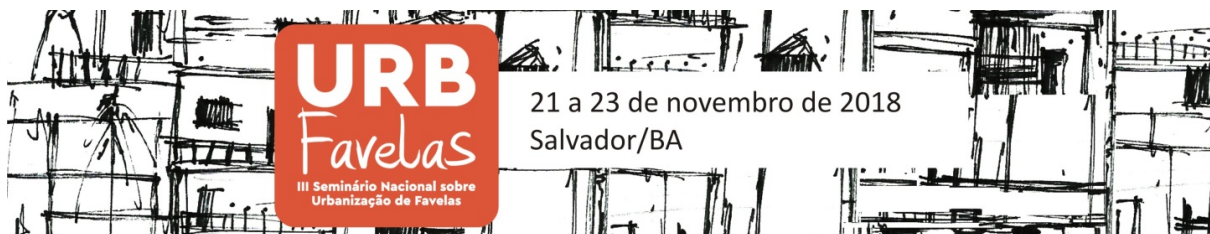
Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Minas Gerais (NPGAU - UFMG). Pesquisadora assistente no grupo de pesquisa Morar de Outras Maneiras (MOM - UFMG). Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Minas Gerais

Luna Lyra (UFMG) - luna.lyra@gmail.com

Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Minas Gerais (NPGAU - UFMG). Pesquisadora assistente no grupo de pesquisa Morar de Outras Maneiras (MOM - UFMG). Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Minas Gerais

Rodrigo Marcandier (UFMG) - rodrigo.marcandier@gmail.com

Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Minas Gerais (2003). Pesquisador assistente no grupo de pesquisa Morar de Outras Maneiras (MOM - UFMG).



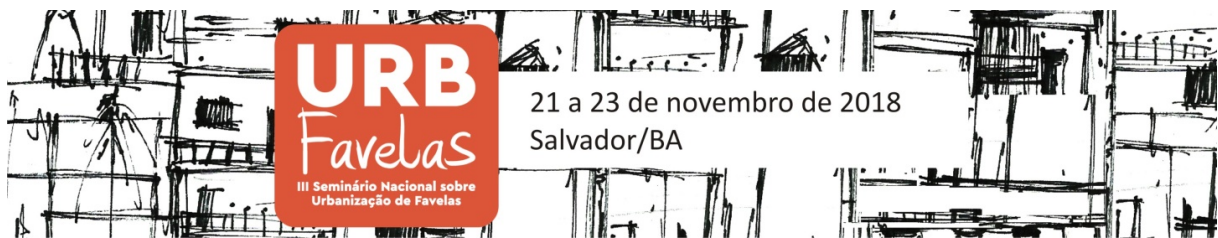
ENVELHECER COM A FAVELA: MULHERES PIONEIRAS NAS VILAS DA SERRA

RESUMO:

Este trabalho é resultado parcial de uma pesquisa em rede cujo tema são as condições de vida de idosos nas cidades contemporâneas. O objetivo geral da pesquisa é compreender como pessoas idosas experienciam os lugares urbanos em que vivem e o que poderia melhorar sua inserção na vida urbana. Em Belo Horizonte, trabalhamos com as favelas conurbadas do Aglomerado da Serra. Ficou evidente que a desigualdade social e espacial da qual as favelas são produtos e (re)produtoras pesa particularmente sobre as mulheres. A divisão sexual do trabalho lhes impõe todas as funções relacionadas à *reprodução*: a limpeza da casa, o preparo de alimentos, o cuidado com os idosos e as crianças, e a manutenção física e psíquica dos assalariados da família. Na Serra, além do trabalho de reprodução, muitas mulheres precisam vender sua força de trabalho em empregos mais ou menos formais. Na tentativa de tornar visível sua condição e os obstáculos que enfrentam, apresentamos alguns temas que emergiram nas conversas com idosas no Aglomerado da Serra. Muitos desses temas não de valer também para outras cidades brasileiras e suas favelas. Compreendê-los parece fundamental a empreitadas que tenham o intuito de apoiar melhorias em tais espaços urbanos cotidianos.

Palavras-chave: produção do espaço; gênero; favelas; trabalho de reprodução.

ST – 5: Outras Práticas Sociais em Favelas, Bairros e Assentamentos.

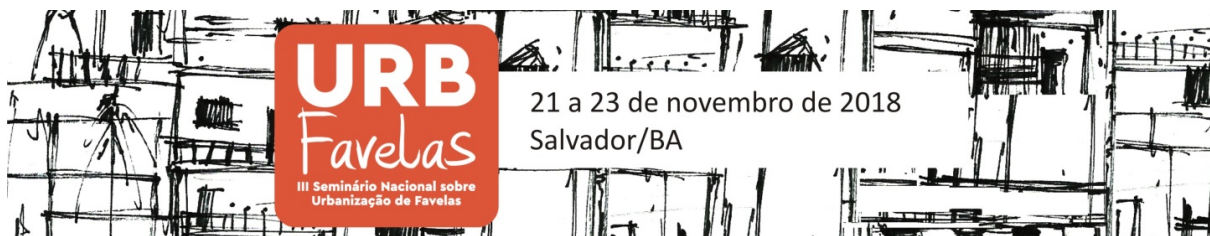


1 CONTEXTO DA PESQUISA

Este trabalho é resultado parcial de uma pesquisa em andamento que tem por tema as condições de vida de pessoas idosas nas cidades contemporâneas. O objetivo geral da pesquisa, que vem sendo desenvolvida por uma rede internacional em três cidades brasileiras e três cidades britânicas [identificações a serem complementadas], é compreender como pessoas idosas experienciam os lugares urbanos em que vivem e o quê poderia melhorar sua inserção na vida urbana. Em cada cidade foram definidas áreas de estudo abrangendo diversos níveis de renda e escolaridade. Em Belo Horizonte, isso incluiu as favelas conurbadas nas encostas da Serra do Curral, na Região Centro-Sul, que a Prefeitura convencionou denominar *Aglomerado da Serra*. Sua ocupação iniciou-se na década de 1920 e, desde a década de 1950, adensou-se significativamente também nas porções de relevo mais difícil, como as vilas Nossa Senhora de Fátima e Santana do Cafezal, onde concentramos nossas investigações.

Por ora, ouvimos pessoas idosas nas vilas da Serra mediante a aplicação de 30 questionários, 16 entrevistas semi-estruturadas convencionais (com os participantes sentados, olho-no-olho), sete entrevistas caminhadas (acompanhando a pessoa em um de seus trajetos cotidianos), quatro diários fotográficos (deixando uma câmara com a pessoa para registrar lugares e eventos significativos) e duas oficinas coletivas. Entre as 46 pessoas participantes da pesquisa na Serra – algumas participaram de mais de um método –, foram 33 mulheres e 13 homens.

Embora todos esses participantes tenham histórias de vida que merecem ser contadas, ficou evidente que a desigualdade social e espacial da qual as favelas são produtos e (re)produtoras pesa particularmente sobre as mulheres. Uma parte imensa das carências estruturais foram e são suportadas, amenizadas e compensadas pelo "trabalho de sombra" que elas realizam e que permanece invisibilizado. Trabalho de sombra, no conceito de Ivan Illich (1918), significa trabalho não-pago, realizado para dar conta de necessidades que as modernas sociedades industriais criam, mas que não são supridas pelos bens e serviços que essas sociedades produzem na forma de mercadorias. Ele inclui desde a educação (formal e informal) para o trabalho assalariado até as ações que o consumo de mercadorias exige para que de fato se tornem valores de uso. Em particular, ele inclui o trabalho doméstico predominantemente



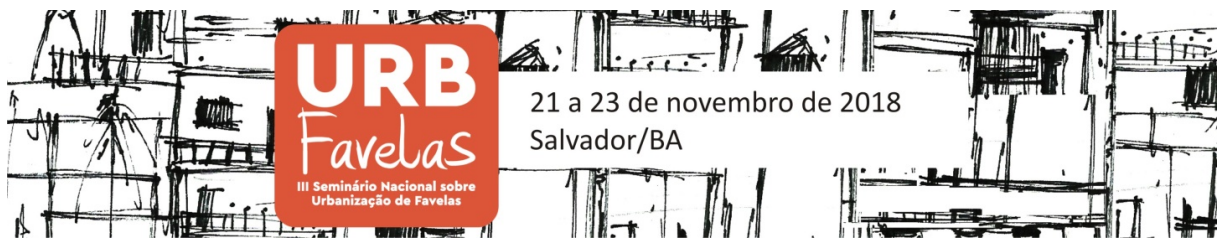
realizado por mulheres. A divisão sexual desse trabalho impõe às mulheres todas as funções relacionadas à chamada *reprodução*: a limpeza da casa, o preparo de alimentos, o cuidado com os idosos e as crianças, assim como a manutenção física e psíquica dos assalariados da família. No caso das vilas da Serra, além do trabalho de reprodução na própria casa, muitas mulheres precisaram e ainda precisam vender sua força de trabalho em empregos mais ou menos formais.

Na tentativa de contribuir – pouco que seja – para tornar visível sua condição e os obstáculos que enfrentam, apresentamos nas próximas seções alguns temas que emergiram nas conversas com mulheres idosas da favela da Serra. Embora se trate de um espaço singular, muitos desses temas não de valer também para outras cidades brasileiras e suas favelas. Entendemos que compreendê-los é fundamental a empreitadas – acadêmicas ou não – que tenham o intuito de apoiar melhorias em tais espaços urbanos cotidianos. Algumas possibilidades nesse sentido são apontadas na última seção do presente texto.

Cabe ainda uma observação preliminar. Utilizamos, sempre que possível, transcrições diretas de falas, porque a maneira como as mulheres contam suas histórias e comentam sua situação é mais eloquente do que qualquer síntese alheia. Isso nos levou a manter uma quantidade maior de citações longas (destacadas do corpo do texto) e curtas (no corpo do texto, em itálico e sem aspas) do que recomenda a etiqueta dos textos acadêmicos. Entendemos que devem ser lidas e ouvidas, pois são raros os meios que dão voz a essas mulheres. De resto, representam apenas um pequeno extrato do material que elas nos confiaram.

2 AQUI NÃO TINHA NADA

A favela da Serra é, hoje, relativamente bem provida de infraestrutura. Além de obras urbanas que os próprios moradores e a Prefeitura realizaram pontualmente ao longo do tempo, a região foi, nos últimos quinze anos, objeto de uma grande intervenção, iniciada no nível municipal com o chamado Programa Vila Viva e depois impulsionada por recursos federais no âmbito do Programa de Aceleração do Crescimento. No entanto, como quase todas as mulheres idosas entrevistadas moram ali há décadas, elas pertencem a uma geração que



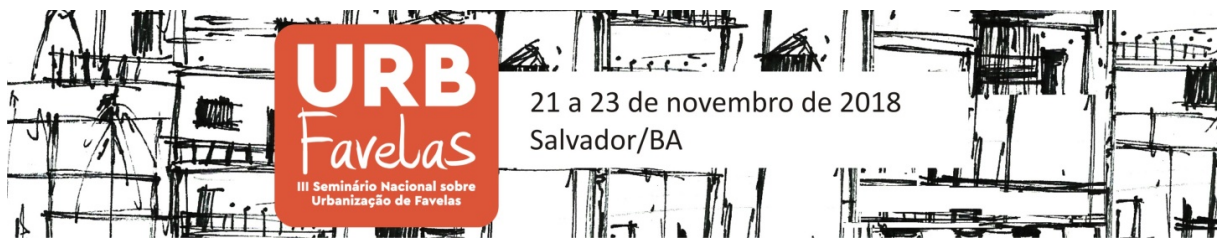
chegou quando *não tinha nada*. Elas abriram um novo espaço urbano e construíram uma estrutura de sobrevivência.

Quase sempre vieram de áreas rurais de Minas Gerais e outros estados, com histórias difíceis, senão trágicas. A motivação para a migração era a fuga da pobreza e da fome, a busca de trabalho, a possibilidade de as crianças frequentarem uma escola e, em geral, a perspectiva de uma vida melhor. Uma dessas migrantes do campo disse simplesmente: *Eu gosto de trabalhar, sabe? E onde eu morava não tinha jeito da gente trabalhar [...] era muito pobrezinho* (E16, 1'). Outra, vinda de uma *terra seca* em que *só fazendeiro sobrevive*, alude também a sonhos que a migração envolvia: *Eu já estava com dezoito anos e queria trabalhar pra vestir seda, crepe, esses negócio que era muito falado* (C01, 10'). Ainda outras evidenciam que não tiveram escolha.

A gente morava no interior, ali pro lado do norte de Minas, Várzea da Palma, região de Pirapora. Meu marido morreu, eu voltei pra casa da minha mãe. Eu tinha muito menino. Aí eu vim pra cá, pra pôr os meninos na escola. Aqui fica mais fácil pra mim trabalhar, entendeu? E minha mãe também mudou pra cá, pra ela tomar conta dos meninos e eu trabalhar. (E09, 1')

Algumas entrevistadas chegaram a Belo Horizonte com as famílias dos pais ou já com família própria. Outras chegaram trabalhando no serviço doméstico, em troca de abrigo e alimentação, na casa de pessoas que as trouxeram consigo do interior: falas como *minha mãe me deu pra um pessoal* (C06, 13') indicam um trabalho análogo à escravidão, que às vezes suportaram por anos antes de chegarem à favela da Serra. Mas, num caso como noutro, foi a necessidade que as levou a morar ali, num lugar que *não tinha nada, era tudo mato*. Com empregos muito mal remunerados, não havia opção na cidade formal, ao mesmo tempo que suas poucas oportunidades de renda – no serviço doméstico ou na faxina de estabelecimentos comerciais – dependiam da relativa proximidade dos bairros abastados da Região Centro-Sul de Belo Horizonte. *A gente não tinha onde ficar* (C03, 20'), *eu não tinha condições de pagar aluguel* (E05, 1').

Frases como *aqui não tinha nada* caracterizam a situação apenas abstratamente. É preciso compreender suas implicações na vida cotidiana das mulheres, a começar por algo tão trivial como andar na terra e na lama, e ter que chegar de pés imaculados a um destino onde 'ser



limpo' é requisito de acesso (C05), ou ficar *com nariz tudo preto por dentro* (E01, 22') da fumaça do fogão a lenha. O suprimento de água, lenha ou gás, a roupa e a comida, longas caminhadas pelo mato até um atendimento médico e dezenas de outros expedientes eram realizados pelas mulheres em prol de filhos, pais, maridos e irmãos mais jovens. Nenhum homem mencionou que fizesse algum desses serviços.

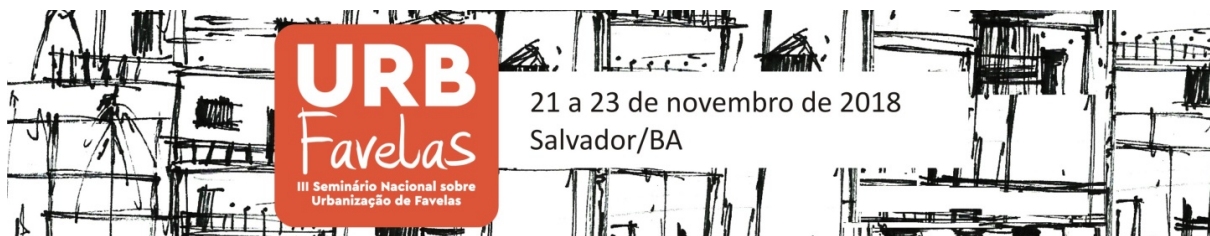
Isso aqui era um buracão doido, menina! Descia um rio. Eu tinha um medo de andar aqui. As ruas eram cheias de árvores demais e nós não tava acostumado com aquilo. (E07, 10', 22')

Banho era banho de caneco. Esquentava aquelas latonas assim. Não tinha rede de esgoto, era fossa. [As crianças] Ia crescendo e aí ia ajudando, carregando lenha, água. (E01, 22')

A gente cozinhava com lenha. O gás era uma vez no mês, que ele vinha. Às vezes que acabava no fim do mês, eu subia ali e eu buscava gás pros outros, pra ganhar vinte centavos. Eu buscava lá [...]. Porque lá tinha o depósito da Gasbrás. Eu buscava pra mim, buscava pros outros. Eu tinha muita força. (C01, 17')

A gente mesmo capinava os becos, a gente fazia os degraus de terra, punha tijolo. Carreguei muita água na cabeça. Nó, não foi fácil não. (E14, 26')

Eu trabalhava fora, à noite, tomando conta duma senhora idosa. Daí de dia eu trabalhava com eles [uma ONG estrangeira] e de noite trabalhava com essa senhora. Era uma luta danada. Três horas da manhã, eu tava lavando roupa, fazendo a comidinha pra deixar pro meus filhos, pra mim ir trabalhar. Eu deitava, na hora que eu dormia, que eu acordava, tava chovendo, a água tava entrando dentro do barracãozinho. Pegava enxada e um plástico, botava na cabeça, meia noite, uma hora da manhã e eu dentro da lama, do esgoto. [...] Aqui nesse tempo não tinha leite. Morria muito menino de fome. É porque não tinha o que comer. (E16, 5'; C04, 10')

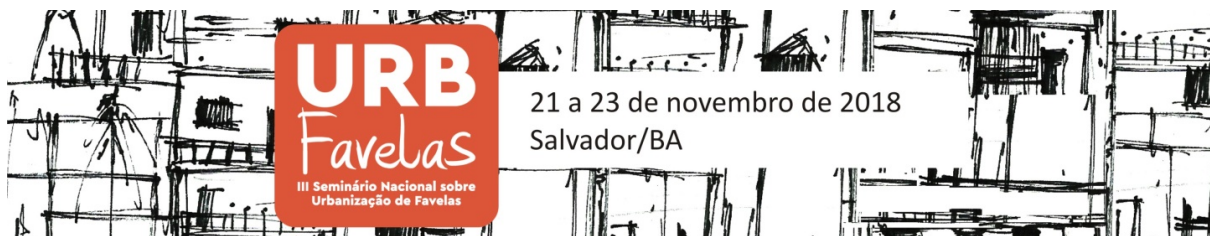


Depois que perdeu pai e mãe, a gente ficava, assim, sem condições de alimentar direito, sabe? Deus ajudou que a gente começou a trabalhar. Trabalhei, trabalhei. E Deus deu nós força pra trabalhar. Era uma luta que nós passamos. Só Deus que sabia o que a gente passava. (E06, 20'-22')

A articulação espacial da favela da Serra é marcada pela *peleja* das mulheres dessa geração, em particular pela prática de buscar água em nascentes e córregos: *primeira água, segunda água, terceira água* e o *canão*, uma adutora que leva água da Serra do Curral para os bairros da zona sul de Belo Horizonte, passando por dentro da favela sem conectá-la à rede – quase um sarcasmo urbano. Havia um vazamento nesse *canão*, onde elas pegavam água, tomavam banho e lavavam as próprias roupas e as dos patrões da zona sul. Também buscavam água num poço artesiano que um morador antigo havia furado junto à nascente do córrego do Cardoso, num local até hoje conhecido como *Volta do João Gomes*. No atual Parque das Mangabeiras, então terreno da mineradora Ferrobrel, havia uma torneira, que os seguranças deixavam que fosse usada por mulheres e meninas, mas não por homens e meninos. Era preciso encher dois tambores para abastecer uma família de cinco pessoas por uma semana, sem contar banhos e lavagem de roupas, o que demandava 24 viagens de casa até a fonte, às vezes bem distante. As mulheres que trabalhavam fora durante a semana passavam os domingos nessa tarefa, ainda enfrentando filas e brigas nas fontes. De idílio, a cantada *lata d'água na cabeça* não tinha nada.

Busquei foi muita água na cabeça. Quando faltava aqui, a gente já foi na primeira água, na segunda água, terceira, já fui buscar no João Gomes. Nossa, foi uma luta muito grande! Antigamente, a água era carregada na cabeça. Nossa, grávida, carreguei muita água! (C03, 2'-3')

Poucas demonstram saudades desse tempo. A maioria das entrevistadas fala com entusiasmo das transformações nas últimas décadas, como redes de energia elétrica, água e esgoto, ruas e becos calçados, implantação de linhas de ônibus, e as recentes aberturas de vias e construções de prédios: *em vista do que era aqui, tá ótimo agora* (E01, 18'); *agora tá tudo no jeito, tá bom demais* (E13, 3'); *teve uma melhora muito grande* (E05, 11'); Indicam também o sentimento de que conquistaram algo, pessoal e coletivamente: *venci* (E13, 27'); *essas vilas aqui, eu ajudei*



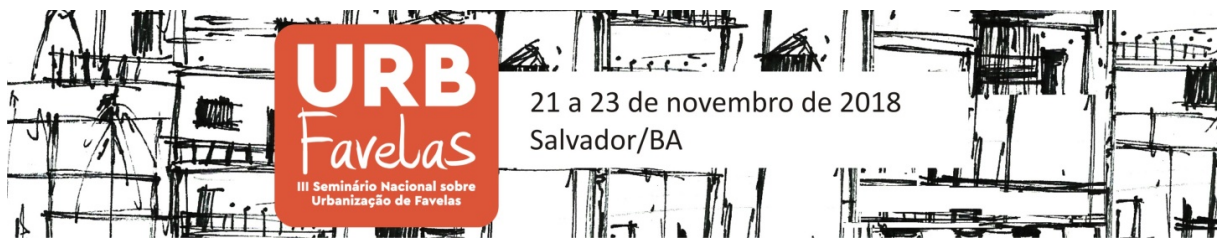
a construir (E16, 3’); *pedindo a Deus, orando, a gente conseguiu* (E14, 3’). Ainda assim, como se verá adiante, também há muitas que sentem as perdas que o processo implicou.

3 CONSEGUIR UMA CASA

Remetendo ainda ao período em que as mulheres pioneiras da favela Serra chegaram ali, cabe especial atenção à maneira como obtiveram suas moradias, isto é, terrenos e casas ou barracões. Há nesse aspecto uma divisão de gênero – sobretudo simbólica – que a distingue de outros setores do trabalho de sombra. Enquanto todas as tarefas acima mencionadas são 'naturalmente' atribuídas às mulheres, há duas coisas que elas raramente faziam. Uma é a ação que definem como *invadir*: abrir novas frentes de ocupação, que correm maior risco de ser reivindicadas por outros ocupantes ou por supostos proprietários, e onde é menor o adensamento e, portanto, a proteção de vizinhos. *A gente pegou uma parte que as pessoas já tinham invadido* (E05, 1’). Outra coisa que as mulheres pioneiras raramente faziam é a construção de casas de alvenaria e concreto armado. Enquanto, a construção de adobe, pau-a-pique, madeira ou lata ainda era uma atividade comum também para as mulheres, técnicas e materiais 'urbanos' ficaram, em geral, reservados aos homens.

Portanto, nas famílias sem homens adultos e dispostos a construir, as mulheres procuravam barracos já prontos e com a posse relativamente assegurada, ou terrenos em que pudessem erguer um barraco de terra, madeira, lata etc. para depois, por contratação e outras trocas, obter mão de obra masculina e erguer uma casa de alvenaria. Escambos e doações ou distribuição por políticos, candidatos ou lideranças foram tão comuns quanto as vendas informais. Tivemos acesso a um documento de 1975, escrito à mão numa folha de caderno escolar, em que uma mulher atesta ter recebido de outra “a importância de 1 milhão e duzentos cruzeiros pela venda que lhe fiz de um barracão de minha propriedade em terreno da Prefeitura no Beco da Meia nos fundos do barracão nº. 54”.

Quando eu tava com os meninos tudo pequeno, uma amiga ficou sabendo que ia distribuir uns pedaços [de terra] ali. Eu vim e ganhei um pedaço. Construí primeiro de tábuas, tampado com lata. [...] A casa ficou igual a casa do coelho,



da história: vinha um, pregava uma tábua, vinha o outro, pregava outra tábua. (E10, 1'; C01, 21')

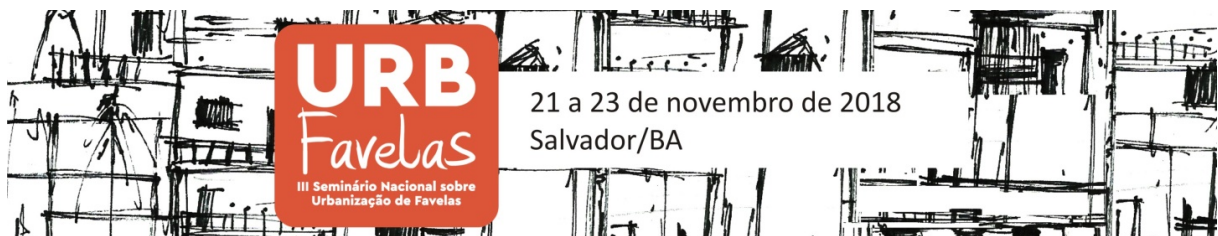
Eu ganhei uma moradia. Porque eu não tinha e não tinha jeito de comprar. Aí um senhor pegou e me deu dois cômodos, lá perto do Hospital Evangélico. De lá foi que eu vim pra vila Fátima. (E16, 3')

A gente não tinha onde morar, ficava pagando aluguel sem ter condições. Até que a minha irmã conseguiu ganhar essas casinhas que tem aí. (E06, 2')

Ouvimos histórias admiráveis de conquistas paulatinas dessas mulheres e vimos seus resultados. Por outro lado, a pressão imobiliária dentro da favela, em particular depois das intervenções recentes da Prefeitura, desmanchou a lógica espacial para a qual essas casas foram produzidas. Uma fala em particular explicita essa questão:

Quando eu vim era tudo beco, barro. A vida era mais difícil, mas era bem melhor dividido. Era uma vida mais tranquila. Hoje é tudo tumultuado. Criei meus filhos tudo aqui. Podia brincar sem problema nenhum. Hoje tá complicado e eu tenho vontade de mudar daqui. [...] Lá em casa tinha pé de laranja, gabirola, mangaba. Mas o povo foi invadindo, invadindo e ficou só aquele miolinho. (E01, 1', 21')

A expressão *era bem melhor dividido* resume uma situação de menor adensamento, menos subdivisões e mais espaços abertos, fossem individuais, coletivos ou públicos. Além do aumento de densidade interna dos lotes, o *tumulto* urbano se aproximou das moradias. *De repente, minha filha, isso daqui encheu* (C03, 15'). Muitas entrevistadas mencionaram seu incômodo com configuração atual, pelo adensamento, pelo barulho, pela supressão de áreas verdes, pela quantidade de carros num espaço em que antes dominavam os pedestres e por outros tipos de violência que a *evolução* implicou. Algumas das pioneiras até cogitam voltar para o interior, imaginando uma vida mais tranquila. Ao fim e ao cabo, o espaço urbano, que conseguiram criar com meios muito escassos e que depois passou a ser definido por instâncias heterônomas, constrange-as em atividades de que gostariam de se ocupar.



Eu até andei plantando uns pé de couve, mas não foi pra frente. Porque tem que ter ventilação, pro ar ter livre. Lá [no meu quintal] é muito abafado. Casa dum lado, casa do outro. Bate pouco sol no fundo. (E09, 15')

[...] era um silêncio, era um sossego. Agora não. O que mais me incomoda é o barulho, mas barulho não tem jeito. Esses jovens vem com aqueles carros de som, altas horas da madrugada, duas horas da manhã, três horas da manhã. Você acorda. Aí daí a pouco vem outro. Então você não consegue mais ter aquele sono normal, que a gente tem. O barulho perturba muito. (E05, 1')

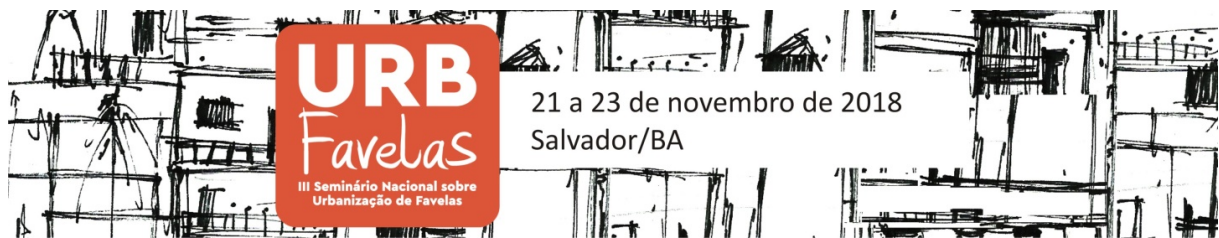
Tenho vontade de voltar pra lá [a cidade do interior]. [...] pra mim lá é melhor. Acho que as pessoas são mais amigas, sabe? Assim, todo mundo conversa com todo mundo. Aqui é o corre-corre do dia-a-dia. (C06, 14')

Tem hora que eu penso em voltar pro interior pra mim plantar alguma coisa lá. Porque os meninos já tão criado, já cresceram, todos são de maior. Aí eu tinha vontade de voltar, porque aqui a cidade tá muito, assim, violenta. Apesar que a violência tá por todo canto! [...] Porque eu fui criada na roça. Inclusive, meu marido, o pai dele tinha um sítio. O pai morreu, a mãe morreu, aí ficou esse terreno lá. Eles dividiram e falou que eu tenho uma parte. Aí eu tenho vontade de construir uma casa lá, mas a aposentaria é tão pouca, né? (E09, 2', 12')

Eu gosto muito de planta. Lá [no interior] tem espaço pra mexer com a terra. Eu amo mexer com a terra. Jardim eu não tenho [aqui] não. É tudo plantado em lata. Mas tem planta. Adoro, adoro mexer com planta. (E01, 20')

Fica claro que o senso de lugar das mulheres idosas da Serra é inseparável de sua história individual e coletiva de luta pela sobrevivência nesse espaço, mas também das qualidades espaciais que criaram ali a duras penas e que tendem a ser 'tratoradas' pela dinâmica urbana mais ampla e por intervenções externas supostamente participativas e de fato tecnocráticas.

4 FORMAÇÃO NÃO ESCOLAR

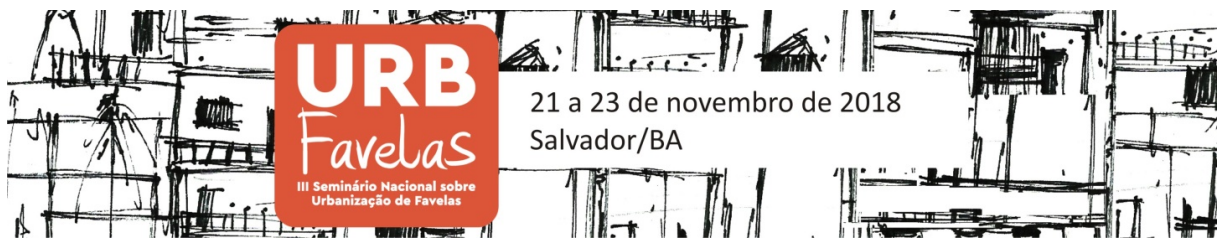


A origem social e as histórias de migração dessa geração de moradoras da Serra fizeram com que a maioria tivesse pouca oportunidade de frequentar uma escola quando criança. Dizem *não tenho leitura*, e às vezes contam como retomaram os estudos depois de adultas. Para algumas foi uma experiência ótima; a outras faltou tempo, espaço, concentração.

Eu morava na roça. Aí não completei nem a quarta série. Falei assim, ô gente, a pessoa ficar aqui, morar na cidade e tem condição de estudar, é bom aproveitar o tempo. Aí mandou eu fazer uma provinha lá na escola. Aí eu fiz a prova. Aí falou assim, você pode ir pra quarta, você vai aguentar. Antes de vencer o ano, já tinha ponto suficiente pra ir pra quinta série. Aí eu reservei minha vaga aqui no Henrique Diniz [escola estadual]. Fiquei oito anos lá, depois de mais de quarenta anos que eu tinha de idade. Já tinha neto. Eu tomei bomba na sexta, tomei bomba na sétima. Mas eu não desanimava. [...] Eu fiz o ano todo, direto! Não pode dizer que eu fiz supletivo, coisa fácil, não. Final do ano eu passava e fui até o terceiro [ano do ensino médio]. Foi bom demais. Foi o tempo melhor da minha vida. (E09, 27'-30')

Eu tinha muita vontade de estudar, mas na época que era mais nova não deu para estudar. Aí fiquei com uma paixão, mas não deu. Hoje é tão fácil! Dá pra trabalhar e dá pra estudar. Mas no meu tempo que eu estudei, era muito difícil. Depois eu casei nova e aí arrumei menino e depois ficou mais difícil. E aí não deu para estudar mesmo. Aí, quando eu tava uns cinquenta anos mais ou menos, eu vim pra aqui, mas eu precisava trabalhar bastante. Aí comecei a estudar, mas aí não deu, parei. Não cheguei a fazer a série não. Tava muito difícil pra mim, trabalhando. Eu precisava muito trabalhar. Trabalhava longe, longe de casa, ficava cansada. (E13, 24'-26')

Cheguei a estudar, mas não aprendi nada. Sabe por que? Ela [a professora] me ensinava e eu, em vez de ficar concentrada no estudo, me dava tonteira. Aí depois de velha também eu falei assim, *ah não, eu tenho minha sabedoria e minha sabedoria tá comigo*. (E16, 36')

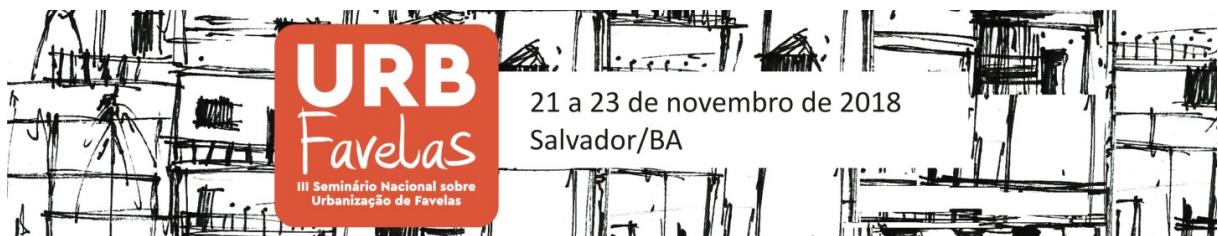


Fiquei na escola muito tempo na vida. Aprendi não. Mal e mal, mesmo até hoje, nem meu nome não sai muito certo não. Então tô tentando ver se começo, se acerto aí de novo direitinho. Às vezes tem coisa que escreve no quadro, eu copio. Escrever, escrever, isso a gente escreve, mas, assim, de juntar pra ler, ainda não entrou na cabeça não. (E06, 1', 17')

A implicação mais evidente da escolaridade reduzida e tardia é que manteve as mulheres em situações de exploração extrema, com todas as consequências da violenta desigualdade social brasileira e da não menos violenta discriminação de gênero. Mas há outras implicações: para quem lê e escreve pouco ou nada, o acesso a informações institucionais é restrito, de modo que, para conhecer os próprios direitos e fazê-los valer, dependem sempre da intermediação de alguém – *fulano está olhando isso pra mim*. Várias das entrevistadas não têm aposentadoria pelo INSS, não porque não tenham contribuído, mas porque não souberam fazer o caminho burocrático para obter o benefício. Outras não têm a carteira de gratuidade para os ônibus, porque não sabem como fazer o requerimento.

Típico nesse sentido é o uso do pronome *eles* para representar a nebulosa entidade (masculina) responsável pelas condições da cidade, dos serviços e da sociedade em geral; talvez sejam os políticos, os ricos, os técnicos da administração pública, os doutores etc. *Porque tem tanta coisa pra eles fazer e eles não faz, entendeu? Você vê ó, hospital tá precisando de ajuda, não tem, creche tá precisando de ajuda, escola...* (E14, 14'). Nesse imaginário, o presidente da república – às vezes confundido com o prefeito – parece figurar como o chefe de todos *eles*: *O presidente da república tem que dar jeito de ajudar as pessoas que necessitam* (SE14, 15').

Outro aspecto relacionado à pouca escolaridade diz respeito às constelações familiares. Muitas entrevistadas se orgulham de filhas e filhos que estudaram, trabalham em empregos melhores que seus pais e moram em locais tidos por mais nobres. Mas são inúmeros os casos em que a geração dos filhos, hoje entre 30 e 50 anos, continuou dependendo dos pais, porque, por um lado, rejeitou as ocupações destes e, por outro, não foi bem sucedida em ocupações mais valorizadas socialmente. Os idosos – e isso vale para os homens assim como para as mulheres – não transmitiram aos filhos os próprios conhecimentos práticos em áreas como o cultivo da



terra, a lida com animais, a cozinha ou a construção, mas também não puderam ajudar os filhos na trajetória escolar, ainda que os estimulassem a estudar.

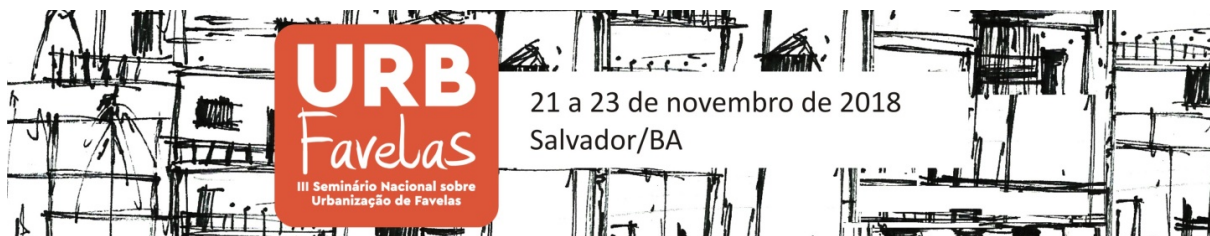
5 AMBÍGUAS REDES FAMILIARES

Talvez essa seja uma das razões para que as idosas da Serra tenham, nas suas redes sociais e familiares, papéis bem diferentes das idosas da classe média. Se estas costumam dizer que não querem dar trabalho aos filhos, é comum que filhos e netos daquelas continuem ‘dando trabalho’. Mães e avós idosas funcionam como arrimos de família, com posse garantida de um imóvel e uma pequena renda de aposentadoria ou de algum trabalho remunerado. As idosas cuidam de crianças, pagam as contas, provêm moradia e chegam a ser ‘negociadas’ entre os parentes.

Uma senhora de 69 anos contou-nos que mora com o marido, um filho esquizofrênico e uma filha que *nasceu com falta de oxigênio no cérebro*. Como se não bastasse, um terceiro filho deixou com ela a neta de dois anos, de quem agora cuida em tempo integral. Ela sonha com uma vida menos atribulada – *agora que nós podia descansar* –, mas sente obrigação de ajudar.

Então eu fico louquinha. Eu falo pro meu marido, *sai com ela um pouquinho pra mim fazer o almoço*. Porque ela fica atrás de mim. Fogão é o perigo maior que existe, porque se puxar, já viu, né? E pra dormir? Se ela dormiu muito de dia, de noite ela custa a dormir. Ela, assim, fica muito carente, *vovó, colinho*. Eu não tenho o dinheiro, mas eu tenho as forças ainda pra ajudar, ajudar a ficar com ela, pôr na creche aí, pra ele [o filho] buscar. (E05, 19’–26’)

Outra senhora, de 60 anos, cuida de um filho adulto que caiu de um barranco e, depois de semanas em coma, ficou com sérias restrições motoras e mentais. Hoje depende dela para tudo. Ela deixou o emprego e a perspectiva da aposentadoria, e não tem tempo livre ou oportunidades de socialização. Mesmo quando vai à ginástica, uma vez por semana, leva o filho. *Eu não posso deixar ele sozinho. Se eu deixar sozinho, eu tenho que trancar o portão e deixar ele preso* (C05, 2’). Dois outros filhos moram no mesmo lote, mas quase não lhe ajudam nessa tarefa. De um deles, ela diz: *É um menino sem compromisso, sabe? Assim, que uma hora fala que tá dormindo no serviço, outra hora tá em casa, outra hora não tá. A vida*



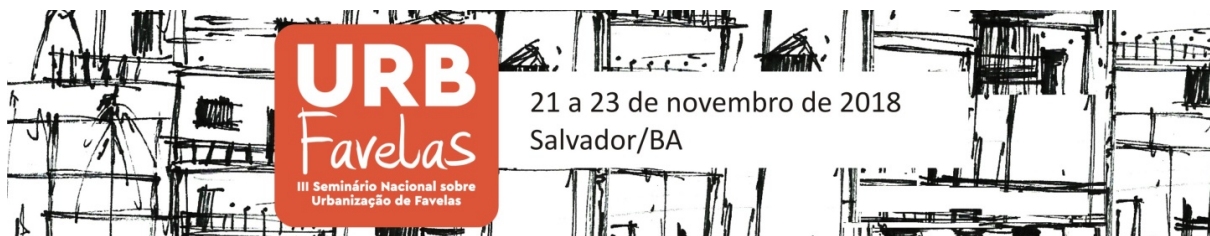
dele é meio jogada (C05, 6'). Justamente esse filho *sem compromisso* lhe deu oito netos, que não moram com ela, mas que também se sentirá obrigada a acudir em caso de necessidade.

Um último exemplo é de uma senhora de 82 anos que contou que criou sozinha cinco filhos e, depois da morte precoce de uma filha, criou também quatro netos. Hoje está cuidando de bisnetos. Em momentos mais descontraídos da conversa, ela diz que nunca está sozinha, *sempre tem muita gente em casa, que eu me dou bem com juventude, porque eu entendo a vida* (E10, 11'). Em outros momentos ficam evidentes os problemas e a solidão que sente.

Eu tava com os quatro neto tudo em casa, precisando trabalhar e eles não trabalhava. Aí eu ia ficando nervosa, sabe? E eu não sou de brigar nem nada. Eu fiquei cuidando deles tudo. Aí eu fui e fiquei mal. É que eu não tenho com quem conversar, porque eu já tô a mais velha da rua e por aqui. E todas que tem, têm uma situação talvez melhor do que a minha. Porque teve marido pra poder ajudar. E eu não. Eu sou sozinha pra domar a fera toda! Porque eu já não entendia mais a juventude. Eu já não tava entendendo. Aí depois Deus ajudou, todo mundo caçou serviço, foi trabalhar. A menina que tava estudando parou de estudar, aí depois arrumou casamento, Deus ajudou, casou. Aí melhorou pra mim. (C01, 3'-5')

A mesma senhora nos falou de um bisneto envolvido no tráfico – *faz as coisas que eu não gosto* – de quem parece ter medo. Num domingo, estavam ele e os amigos na sua casa, enquanto ela, que não queria encontrá-los, ficou perambulando pela cidade. Foi ao Parque Municipal, onde suas próprias mágoas se misturaram à decadência do lugar.

Aí então eu falei, *meu Pai, ir lá pra ficar olhando pra cara daquele povo? O que que eu vou fazer?* No fim, peguei o ônibus, fui embora lá pra cidade, fui pro parque. Mas fiquei triste quando cheguei no parque [...] muito mendigo, mal cheiroso. Cheguei, sentei e fiquei com a mão assim, veio um caszinho, assim, novinho que nem você. Porque eu tava nervosa, né? Fui lá pra chorar. Ela falou, tá passando mal, senhorinha? Eu, tô não minha filha, tô bem, é porque eu tô pensando na vida. Aí saí dali, fui pra igreja São José. Assisti à missa.



Andei um mucadinho, fui até perto da rua Tupis, voltei. Aí quando foi seis horas, que eu cheguei em casa, eles já tinham ido embora. [...] Porque eu tenho medo de ficar batendo de frente com ele. E eu não tô mais na época de ficar batendo de frente com ninguém. Não tô. (E10, 18’-19’)

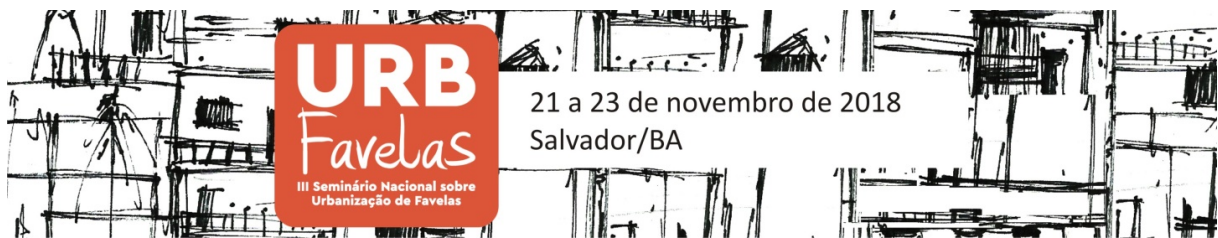
É claro que essas três senhoras não representam a totalidade das idosas da Serra. Há aquelas que se sentem apoiadas e cuidadas pelos parentes. Mas, de todo modo, constelações em que precisam assumir tarefas de reprodução a serviço de outros membros da família são muito comuns. Não encontramos idosas na Serra que estivessem completamente dispensadas do trabalho. Se isso pode fazer uma pessoa mais velha se sentir útil e estimulada (como transparece na fala a seguir), por outro lado, facilmente ultrapassa o limite do sofrimento.

Eu moro com ela. Minha filha cuida de mim muito bem, graças a Deus. Aqui eu só tenho ela e um filho. É desse o menino que eu olho toda vez que chega da aula. É meu neto. O menino tem oito anos. Mas não pode deixar sozinho, é perigoso. Ele fala assim, *ah vô, não precisa de você vir não, eu fico, eu não tenho medo, não*. E eu falo assim, *eu sei meu filho, você não tem medo não, mas nós não pode deixar você sozinho*. Porque se alguém souber que ele tá sozinho, é capaz de darem até parte dele, do meu filho, lá por causa disso, né? Ele tá muito menino ainda, criança. (E07,1’-3’)

As redes familiares, portanto, não se caracterizam apenas como redes de solidariedade. São ambíguas e, como nos casos das três senhoras citados acima, podem desembocar em desrespeito e exploração. As relações intrafamiliares não se contrapõem a uma condição de classe social, como se a família fosse a compensação solidária e feliz da dominação externa. Pelo contrário, esta tende a se prolongar no interior das famílias.

6 RELAÇÕES COMUNITÁRIAS

Constatamos ambiguidade semelhante entre solidariedade e dominação também nas relações de vizinhança. As entrevistas não confirmam a existência daquele espírito comunitário que costuma ser atribuído aos assentamentos informais como se lhes fosse inerente. É verdade que ouvimos relatos de amizade e ajuda mútua, do tipo *a gente se dá muito bem, combina muito*



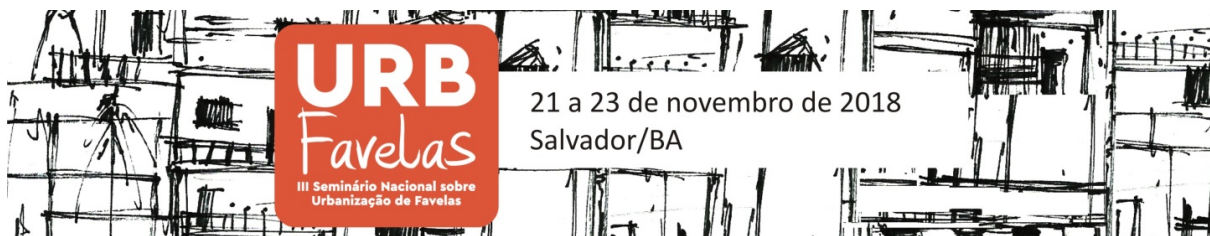
bem, todos me conhecem (E09, 2'), mas também de reserva: Espírito comunitário aqui na Serra? Pra mim, eu acho que não tem não (E01, 9'). Além do fato de que nem todos os vizinhos são antigos (Os que vieram na mesma época tem poucos. Uns morreram, outros mudaram; C01, 11'), reservas e receios estão relacionados a disputas por espaço, ao tráfico de drogas e a outros conflitos ou ao receio de criá-los.

Os vizinho não aborrece, a gente não aborrece eles. Tem amizade sim, mas não é amizade de ficar indo na casa dos vizinho não. Se precisar de alguma coisa, se a gente puder ajudar, a gente tá ali, sabe? Mas, caso contrário, a gente não é de estar um na casa do outro não. (C05, 8')

É difícil decifrar como o tráfico de drogas determina, concretamente, as relações de vizinhança. Muitos entrevistados – homens e mulheres – se referem a ele por alusões, baixando a voz e dizendo coisas como: *Aqui, o problema, a gente não pode nem falar, né? Porque é meio complicado. A gente convive no meio do problema (E01, 3')*. Percebemos a territorialização do tráfico sobretudo nas fronteiras entre grupos rivais e pela maneira que condicionam percursos cotidianos. As entrevistadas evitam, por exemplo, certo ponto de ônibus onde há uma 'boca'. Preferem fazer um trajeto mais longo a pé a esperar ali sozinhas, embora não o digam explicitamente: *Se eu esperar esse ali... Tem vezes que vem, tem vezes que não vem. Ai, eu pegando esse lá embaixo, é mais fácil pra mim (C01, 1')*. Por outro lado, houve entrevistadas que se manifestaram de maneira neutra ou até positiva sobre o tráfico, apontando que ele garante tranquilidade à vizinhança. Parece haver acordos tácitos entre grupos do tráfico e algumas igrejas evangélicas.

Não posso reclamar dos traficantes aqui. Nossa, eles se respeitam aqui. Ninguém entra dentro da sua casa, não rouba nada, porque eles têm medo dos traficantes. [...] Às vezes eu passo na rua, eles estão, dou oi, cumprimento, sabe? Falo, Jesus te abençoa, te guarda. Então eu não tenho nada a reclamar. Eu gosto muito aqui. Aqui você pode sair e chegar a hora que quiser. Não tem perigo. (E14, 4'-5')

Embora, como já dito, faça parte da história do Aglomerado a cooperação dos moradores para a produção daquele espaço, desde capinar os becos e fazer os degraus de tijolos até pleitear



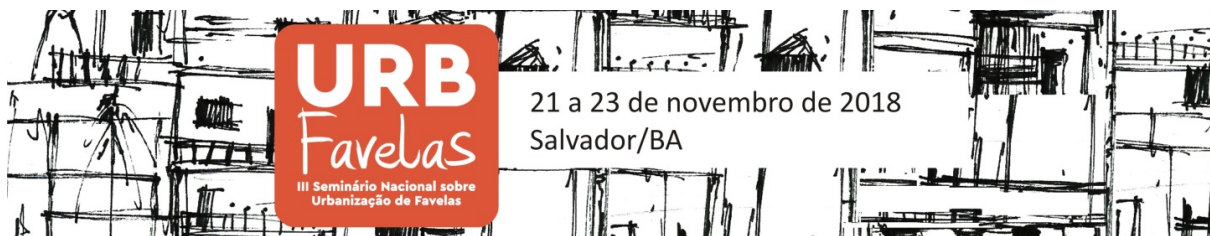
melhorias nos órgãos públicos, foram surpreendentemente raros os relatos de como isso aconteceu. As entrevistas não expressaram uma memória forte de ações coletivas. Parece que, na mesma medida que as pessoas dão valor às obras (formais) da Prefeitura, menosprezam as próprias ações de autoprodução. Uma senhora muito empreendedora, de fato uma liderança local, contou como trabalhou com uma organização estrangeira que urbanizou alguns becos e como ela tomou a iniciativa de pleitear a implantação da rede de água na Copasa.

Falei assim, *eu vou ver se eu arrumo as pessoas pra ir comigo lá na Copasa. Aí fui na Copasa, peguei, falei com eles. Nesse tempo, eles davam a gente os cavaletes, né? Aí eu fui mais uma moça, peguei o cavalete, amarrei um molho, amarrei o cavalete, pus na cabeça, a moça amarrou, pôs na cabeça. Aí eu saí entregando [para] todo mundo o cavalete. Aí foi donde que veio a água. E a luz, eu segui reunião também, com o presidente. Aí eu fui seguindo reunião, seguindo reunião, com o presidente da vila, da caixa d'água [...] Dia de domingo eu não tinha tempo de comer, porque eu tinha que fazer reunião, pra poder ajudar o povo – pra mim e pro povo, né? (E16, 9'–10')*

Contudo, muito mais comuns do que esse tipo de relato foram menções a políticos, candidatos e líderes comunitários que teriam intermediado a obtenção de melhorias.

Nós temos um [líder comunitário] próximo de nós, lá da minha casa. Agora ele saiu por causa de política. Ele ficou chateado que não conseguiu ganhar, então ele resolveu sair. Mas ele ajudava a gente muito, o Chico. É, ele ajudava muito. Ele mexe na prefeitura, ele fez pedido pra nós. Então ele trabalhou muito. Trabalhou, trabalhou. Foi bom. O ônibus também, foi ele também [...] Teve uma chuva. E minha casa no fundo é um barranco. Aí esse barranco desceu. Aí esse Chico batalhou pra prefeitura ver. (SE05, 16'–18')

Constatamos ainda um fenômeno que consideramos significativo: o engajamento nas igrejas, sobretudo evangélicas é muito maior do que o engajamento em instâncias políticas (como as conferências municipais e eventos participativos da Prefeitura). No contexto das igrejas, encontramos os relatos mais enfáticos de ajuda mútua e dedicação a uma 'comunidade'.



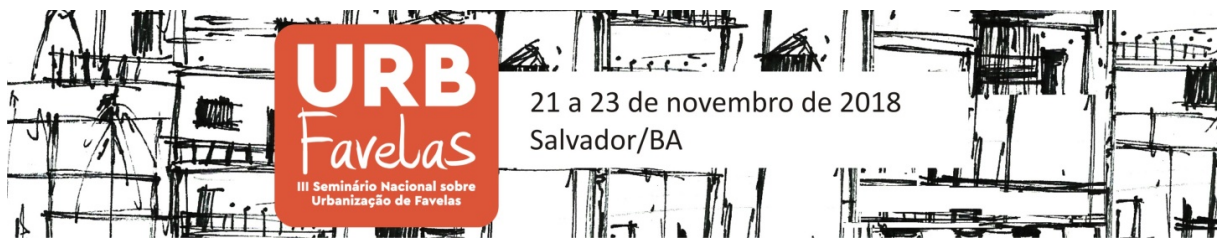
Porque eu sou evangélica. Então quando a pessoa precisa de uma oração, precisa conversar pra desabafar, a gente oferece pra conversar, pra desabafar. Porque às vezes a pessoa sofre muito e não chama ninguém. É uma mágoa que a pessoa vai guardando no coração e aquilo ali adoce a pessoa. Então a gente tem muita amizade, a gente conversa. E eu falo, gente, o que vocês precisarem de mim, não sendo dinheiro, outras coisas eu tô aí pra ajudar. (SE14, 7’)

Tem as meninas da igreja também, né, que vai nas casas, que leva comunhão, que se precisar leva alimento, orientação. Se às vezes a gente falta, elas ficam preocupadas pra saber porquê, o que é que tá acontecendo. (SE10, 12’)

As manifestações acerca das diferentes esferas de engajamento indicam que as igrejas são percebidas como pertencentes ao bairro ou à vizinhança e à vida das pessoas ali, ao passo que eventos organizados por instâncias políticas formais, em particular aquelas relacionadas ao planejamento urbano, mantêm o caráter de agentes externos, com causas também externas. No caso específico das mulheres, as igrejas apresentam uma possibilidade de sociabilidade e engajamento que se legitima por *não* estar diretamente relacionada à vida pública (política), sendo assim menos questionada pelos homens da família. Já as instâncias políticas locais, como as associações de moradores, parecem frágeis em comparação com as igrejas. Cabe lembrar que já houve no Brasil certa fusão de engajamento político e religioso, a começar pelas Comunidades Eclesiais de Base das décadas de 1960 a 1980. Essa chamada esquerda católica tem sido substituída por uma ‘direita evangélica’, isto é, por uma religiosidade aparentemente despolitizada, mas de fato conservadora.

7 REPRESENTAÇÕES E IMAGENS

Perguntamos a todas as interlocutoras acerca do respeito ou da discriminação em relação aos idosos, mas perdemos a oportunidade de perguntar, sistematicamente, pela discriminação que sentem como moradores de uma favela ou como pessoas pobres ou negras. Ainda assim, as entrevistas bastaram para indicar que essa geração mais velha tende a ser mais resignada quanto à discriminação de classe, etnia e gênero do que as mais jovens. Parecem ver a desigualdade como uma condição ‘natural’. Ouvimos diversas vezes afirmações em relação aos padrões, tais



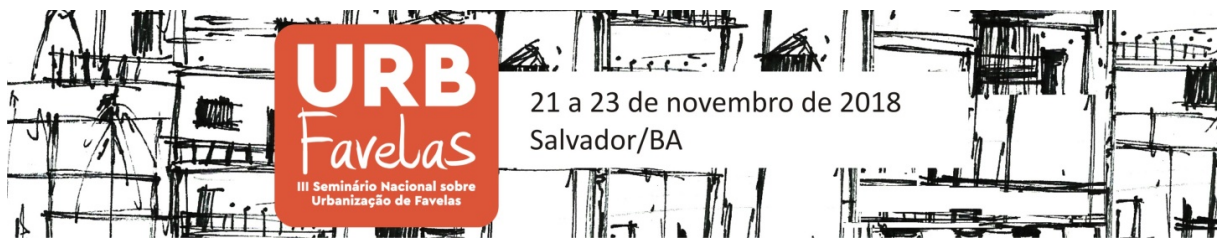
como *eles era bom pra mim* ou *não desfazia da gente*, apontando que o simples fato de uma pessoa não sofrer abuso direto já lhe parece um privilégio. Acerca do espaço da favela, foram recorrentes expressões como *não tenho nada a reclamar* ou *pra gente, aqui tá bom*. O subtexto seria: nós que somos pobres, negros etc. não podemos mesmo almejar mais do que isso. Contribui para essa visão o contraste que a geração mais velha experienciou entre o lugar atual e o lugar da época em que chegaram. Uma fala foi especialmente reveladora da desigualdade sócio-espacial, tal como se apresenta às idosas pobres. Numa caminhada, uma senhora nos mostrou que o ponto de ônibus na fronteira entre favela e bairro formal havia mudado de lugar por ação dos proprietários de um luxuoso edifício de apartamentos:

A gente ficava debaixo dessa árvore aqui ó. O ponto era aqui. Aí o dono desse prédio implicou, mandou que eles tirassem. Aí levou lá pra aquela esquina, entendeu? É que o povo, a gente pobre, é tristeza pra eles. E a gente tá lúcido e tem que ver, sentir isso tudo na pele. Mas o que é que tem que fazer? Deixar. Não adianta bater de frente. (SC01, 28’–29’)

Cabe atentar para essa expressão: *É que o povo, a gente pobre, é tristeza pra eles*. Ela sugere que, assim como o espaço físico da favela, pessoas pobres seriam máculas na bela paisagem dos ricos. Que isso seja sentido como humilhação, também fica claro, mas, ainda assim, a saída é a resignação. Entendemos que se trata de uma geração que incorporou a invisibilidade como condição de existência: a favela deve ser invisível na cidade (não comparecia nem nos mapas) e gente pobre também. Não surpreende que sintam pouca vontade de se mudar de lá.

8 INFERÊNCIAS PRELIMINARES

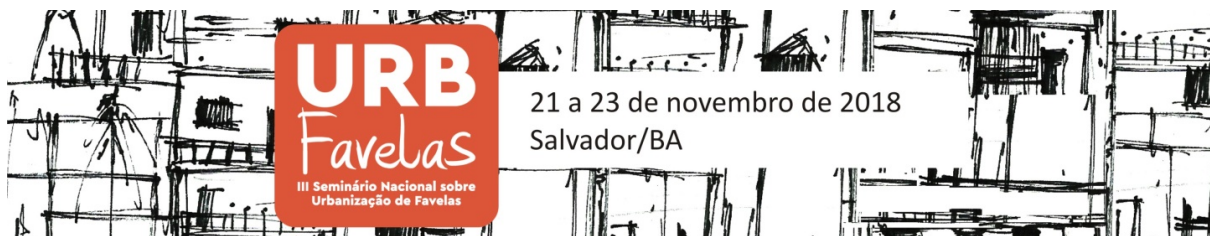
Esperamos que os extratos acima expressem, ao menos em parte, a percepção impactante que tivemos no trabalho de campo na Serra. Temos discutido a desigualdade de gênero há algum tempo; sabíamos como a vida cotidiana de grupos em situações social e espacialmente periféricas pode ser difícil e o quanto ela corresponde, historicamente, a uma discriminação racializada; também não era segredo que o envelhecimento constitui um peso social e psíquico maior em sociedades que, como a brasileira, festejam a juventude. No entanto, não tínhamos



noção de como as desvantagens sociais de gênero, etnia, pobreza e idade potencializam umas às outras, e de como isso afeta, especificamente, as gerações de mulheres que nasceram nas décadas de 1930, 1940 e 1950. No Brasil do ano de 1950, a taxa de fecundidade era de seis filhos por mulher, 64% da população vivia em áreas rurais, metade das pessoas acima de 15 anos era analfabeta, Belo Horizonte tinha 350 mil habitantes e as favelas não compareciam nos mapas. Socializadas nesse contexto e na base da pirâmide social, servindo a pais, maridos, irmãos, patrões (e patroas), sem recursos de acesso às *benesses* urbanas, essas mulheres, ainda assim, conseguiram *fazer a vida*. Porém, a maior parte do que realizaram não faz integra nenhum tipo de estatística, não comparece no PIB, não é foco de programas públicos, nem é reconhecido socialmente. Ou seja, as obras do trabalho de sombra também permaneceram e permanecem na sombra.

Como tornar a cidade e a vida urbana mais favoráveis a essas mulheres – considerando que não há perspectiva de uma mudança social radical em curto prazo – é uma pergunta para a qual a pesquisa permitiu ao menos delinear algumas premissas.

Constatamos o quanto o senso que as moradoras idosas da Serra têm desse espaço e da cidade de um modo geral é determinado por uma história individual e coletiva de autoprodução: quando cada uma chegou, a partir de onde, em que circunstâncias, com que capitais etc. As vilas da Serra se fizeram em grande parte pelo esforço quase sempre emudecido das mulheres. A memória dessa batalha, junto com sua representação social negativa, está presente na maneira como percebem o lugar hoje, como avaliam as intervenções de urbanização e como (não) reivindicam melhorias e direitos. O fato de elas, em sua maioria, não manifestarem vontade de se mudar para áreas formais da cidade não implica que o lugar atende a suas necessidades. A segregação sócio-espacial foi incorporada pelas idosas da Serra como uma identidade, isto é, a noção de pessoa humilde (e humilhada) está naturalizada por essa geração num grau maior do que entre as mais jovens. Parece haver aqui a percepção de que não se sentiriam em casa num espaço que exige, tacitamente, um *habitus* que não é o seu. Porém, ainda que dependam daquele espaço e conheçam bem seus problemas e possibilidades, tendem a ver o próprio conhecimento como inferior, desimportante, não válido senão subjetivamente.



Portanto, é preciso criar meios, veículos e ocasiões para que saiam da sombra, considerando tanto oportunidades de socialização entre pares como interações com instâncias externas. Processos participativos adequados podem trazer à tona demandas distantes do universo de expectativas de técnicos e pesquisadores, mas encontrar as formas que tais processos podem assumir exige bem mais do que o mero ajuste dos procedimentos convencionais. Não basta, por exemplo, evitar códigos formais não compartilhados (a começar pela escrita); é preciso ter em conta a naturalização da invisibilidade, o hábito do engajamento comunitário atrelado à religiosidade, a reduzida disposição para discussões políticas e assim por diante.

Independentemente desse tipo de ação participativa, um aspecto concernente às mulheres idosas das vilas da Serra e às políticas de assistência social parece claro desde já: ações e programas para as famílias não constituem, automaticamente, ações e programas para as mulheres. É verdade que tendem a aliviar o trabalho de sombra que elas realizam, mas, sem uma estruturação que leve em conta as ambiguidades das redes familiares, também desembocam em tarefas e conflitos adicionais. Se famílias incluem formas de exploração que reproduzem, internamente, uma dominação mais ampla de classe e de gênero, o apoio a crianças ou adolescentes, a titulação da moradia ou a bolsa família não são, por si, ações que ajudem as mulheres a sair do lugar de subordinação que costumam ocupar. De resto, ver as mulheres como beneficiárias dessas ações fundamenta-se tacitamente na noção de que a vida familiar seria, como que por natureza, responsabilidade e tarefa delas.

REFERÊNCIAS

ILLICH, Ivan. *Shadow Work*. Londres: Marion Boyars Publishers, 1981.